

Invasão Nova República não tem mais barracos

Na Boca da Mata só permanecem 285 famílias cadastradas que serão transferidas para nova área

A invasão Nova República, uma reedificação em escala ampliada da Boca da Mata, acabou. Centenas de barracos, construídos precariamente nos últimos 10 dias, foram postos no chão. Aos invasores restou a alternativa de procurar um novo local para morar ou serem recolhidos a algum albergue da cidade. Na Boca da Mata permanecem apenas 285 famílias cadastradas pelo Serviço Social, que deverão ser transferidas futuramente para as áreas de assentamento do Governo.

Foi uma operação fulminante. Em menos de 30 horas um verdadeiro exército composto por policiais militares e civis, soldados do Corpo de Bombeiros, funcionários das administrações de Taguatinga e Ceilândia, além de servidores de cinco órgãos do GDF, conseguiu erradicar a Nova República, que já contava com pelo menos 10 mil moradores. Durante toda a operação de desmontagem, os policiais se encarregaram apenas de fornecer a segurança. Aos invasores e funcionários da Terracap e do Serviço de Limpeza Urbana coube a tarefa de pôr os barracos no chão e transportar os pertences a seus locais de origem.

Apesar da maioria dos invasores ser proveniente de Taguatinga e Ceilândia, muitos caminhões tiveram que transportar mudanças para o Céu Azul, Pedregal e até mesmo Brasília. Uma assistente social contou que chegou mesmo a conversar com uma família vinda de Belo Horizonte e outra de Belém do Pará, esperançosas de conseguir finalmente um lote onde morar. Outros, como admitiram os próprios moradores, eram donos de casas em Taguatinga, que demarcaram lotes na Nova República para tentarem ser cadastrados futuramente e assim conseguir mais um lote — os já conhecidos "industriais das invasões".

Não faltaram, porém, situações dramáticas. Maria Solano dos Santos, com seis filhos menores, afirmava, chorando, que não tinha para onde ir. Seu marido, desempregado há um mês, depois de andar durante todo o dia, não conseguiu encontrar um barraco para alugar nem mesmo com o auxílio dado pelo Centro de Desenvolvimento Social. "Ninguém aceita alugar para gente que tem muitos filhos", lembrava Maria, confes-

sando que não sabia o que fazer, já que a ordem do Governo era evacuar todas as famílias até a noite de ontem. Ela se recusava também a ir dormir num albergue com as crianças porque não queria que seus pertences fossem levados para o depósito da Terracap.

Erradicada a invasão, os policiais militares deverão permanecer no local ainda por alguns dias para prevenir o aparecimento de novos barracos.

LIDERANÇA

O ex-presidente da extinta Associação dos Moradores da Boca da Mata, Eufrázio Primo da Conceição, rebateu ontem as acusações do governador José Aparecido de ter sido um dos incitadores das invasões de terrenos públicos ocorridos nos últimos dias. Eufrázio nega qualquer participação na liderança do movimento e atribui a acusação de Aparecido a uma questão meramente política: o fato dele pertencer ao PDT.

Eufrázio afirma que o Governo agiu de maneira "criminosa" ao expulsar os invasores sem qualquer aviso prévio. Apesar de reconhecer a existência de muitos especuladores na invasão Nova República, ele garante que a maioria das famílias não tinha condições de pagar um aluguel, e por isso mesmo não teve outra opção senão se apropriar dos terrenos. Eufrázio acusou também os Governos passados de corrupção, argumentando que os próprios funcionários da administração vendiam lotes na Boca da Mata.

Um grupo formado por 140 famílias, no entanto, contesta as afirmações de Eufrázio. Elas o acusam de ter incitado pessoas a invadirem os terrenos públicos em busca de apoio político para sua futura campanha política pelo PDT. "Não foi nem uma nem duas vezes que eu ouvi ele dizer que queria 10 mil famílias aqui", garante a moradora Maria Pereira da Silva.

Eufrázio afirma que mora há oito anos na Boca da Mata e que nesse período tem lutado pelos direitos dos invasores. Maria Pereira garante, entretanto, que o ex-presidente da associação tem uma casa na QNL 16, em Taguatinga. "O que ele vem fazer aqui eu não sei", ressalta Maria.

LUCIO BERNARDES

